

Nada é mais representativo da criatividade que marcou os programas de Júlio Gouveia e Tatiana Belinky, bem como da garra com que atuavam os atores e trabalhavam os técnicos, do que a descrição de alguns dos efeitos especiais realizados na época. Deixemos a própria Tatiana descrever alguns desses momentos que ela mesma definiu como "trapézio sem rede".

OS DEZ MANDAMENTOS — A Passagem do Mar Vermelho (18) (Foto 68)

"Tínhamos três câmeras, isto é, podia se fazer muitas coisas interessantes e, além disso, podia se usar filmes em alguns momentos. Então a solução para o Mar Vermelho se abrindo foi fazer duas caixas d'água de um metro... não muito mais. (...) Filmava-se em maquete. (...) As duas caixas eram despejadas simultaneamente e as águas se juntavam. Isto era filmado. Depois, em superposição com as câmeras, esse filme era passado ao contrário. Isso viu-se no cinema muitas vezes: a água parece que sobe. Então o mar, a água se abria e a câmera, em superposição, pegava os hebreus com Moisés atravessando aquele corredor de águas abertas. Isso foi relativamente fácil. Pior foi o contrário: fazer o mar se fechar em cima das tropas egípcias. Isso foi mais dramático e feito de uma maneira que hoje jamais se faria igual, pelo menos no estúdio. Porque tudo era feito no estúdio. Havia na Tupi um corredor grande que saía do estúdio até a rua. Um corredor de uns dez metros de comprimento, larguinho! Naquele corredor, colocamos junto ao teto, dos dois lados, dez metros de sacos de lona, enormes sacos de lona cheios de água. Vários homens ficaram encarapitados lá, junto daqueles sacos de água, com facas aguçadas, pontudas, esperando a entrada — isso foi tudo feito ao vivo — dos egípcios. Eles entram pelo corredor, perseguindo os hebreus e, nesse momento, todas aquelas pessoas com as facas abrem os sacos de água e a água jorra, molhando mesmo. Caíram muitos litros de água em cima daqueles pobres atores que escorregavam, caíam e se afogavam assim dramaticamente! E funcionou. Isso foi uma cena curta, talvez de trinta segundos, que deu um trabalho de várias horas, mas de um efeito incrível. Ninguém entendia como é que tínhamos feito isso. E, naturalmente, inundou o estúdio. Tivemos muitas horas de enxugação do estúdio depois...

Isso mostra como a gente podia fazer tudo o que queria, como tínhamos carta branca de inventar e realizar ao vivo o que nos desse na veneta realmente!"

OS DEZ MANDAMENTOS — O Cajado de Moisés transforma-se em serpente

"A cena bíblica famosa em que Moisés vai falar com o Faraó para pedir que ele deixe o povo hebreu sair do Egito e o Faraó não deixa. E Moisés mostra uns pequenos milagres para mostrar a força do Deus que está com ele, mas os truques do Moisés são sempre acompanhados pelos truques do mágico do Faraó.

Então, há um momento em que o cajado na mão de Moisés se transforma numa serpente. E isto foi feito em superposição: o Moisés segurando o seu cajado, uma outra pessoa segurando a cobra — cobra viva, sem dentes, é verdade, mas viva, se mexendo. Lentamente, em superposição, o cajado transforma-se em cobra. O ator José Serber recusou-se terminantemente a pôr a mão na cobra. Ele não gosta da cobra nem pintada! Nem fotografada! Então foi o diretor de estúdio, a mão do diretor de estúdio em cima da mão do Moisés que segurou a cobra. A transformação foi perfeita. Depois, Moisés (...) atira a cobra ao chão; o mágico do Faraó diz que isso pra ele não é nada e também fabrica uma cobra na hora e atira ao chão. Então a cobra de Moisés luta e mata a cobra do mágico do Faraó. Isso nós também fizemos. (...) Júlio, que tinha acesso a tudo e a todos, foi ao Butantã, arranjou o filme da luta de uma cobra muçurana — cobra brasileira que devora cobras venenosas — contorcendo-se e engolindo uma cobra coral. Um filme muito bem feito que foi encaixado na parte ao vivo com perfeição, em cima do momento: eles jogam as cobras, aparecem as duas lutando e depois, naturalmente, a cara do Faraó, espantadíssimo. Andaram atrás de nós perguntando como é que fizemos, como é que ensinamos as cobras a fazer isso."

GUILHERME TELL e REINO DAS ÁGUAS CLARAS

"Fizemos a história do Guilherme Tell, que tem que flechar a maçã em cima da cabeça do filho. Foi feito ao vivo. O Guilherme Tell era Felipe Wagner. Ele estica o arco, aponta. Saem gotas de suor da testa dele, de angústia. E o menininho parado junto à árvore com uma maçã na cabeça — era o Serginho Rosemberg, que fazia o Pedrinho também, dizendo, muito valente: 'Atire, pai. Eu não tenho medo.' Ele solta a flecha em cena e a câmera pega a flecha entrando na maçã, em cima da cabeça da criança, e partindo a maçã ao meio. (Foto 69) Perguntavam-nos depois: 'Como vocês tiveram coragem? Podia ter acertado a criança!' No entanto, o que que foi feito? Uma série de cortes rápidos, como se faz no cinema. Uma câmera pega a maçã em cima da cabeça do menino; outra câmera pega um desses porta-perucas com uma cabeleira igual a do menino, só do cabelo pra cima, com a maçã; alguém, de muito perto, em cima da hora, espeta a flecha na maçã, de fora de cena pra dentro do quadro. Isso é cortado rapidamente, é uma coisa de fração de segundos no trabalho dos contra-regras e do pessoal todo. Imediatamente a câmera passa para o rosto do menino com a outra maçã já aberta na cabeça. Cortes, cortes, cortes!!! Todo mundo teve a impressão de que viu a cena completa. A flecha voando e cortando a maçã em cima da cabeça do menino inteiro. Não só do topo da cabeça dele...

E tudo isso era inventado na hora! Por exemplo, no **Sítio do Pica-pau Amarelo** tivemos a cena do **Reino das Águas Claras**. A história do príncipe-peixinho que casa com Narizinho,



(Foto 64) Edi Cerri, Suzy Arruda e Felipe Wagner em *O Violino Mágico* (15.3.1954). Era uma Vez... — TV Tupi — São Paulo
Foto/Arquivo Júlio Gouveia / Tatiana Belinky



(Foto 65) Luciano Maurício, André Gouveia, Julinho Simões (atrás), Lúcia Lambertini e Edi Cerri (1953).
O Sítio do Pica-pau Amarelo — TV Tupi — São Paulo
Foto/Arquivo Júlio Gouveia / Tatiana Belinky



(Foto 66) Odete Lara em *Branca de Neve e os Sete Anões* (14.6.1953). Era uma Vez... — TV Tupi — São Paulo
Foto/Arquivo Júlio Gouveia / Tatiana Belinky

- (18) Depoimento de Tatiana Belinky ao IDART, São Paulo, 29 de dezembro de 1976. As descrições dos efeitos especiais foram todas retiradas desse depoimento.
- (19) Depoimento de Tatiana Belinky ao IDART, São Paulo, 29 de dezembro de 1976.
- (20) Depoimento de Tatiana Belinky ao IDART, São Paulo, 29 de dezembro de 1976.